

BORBOLETA

1232
Era uma borboleta. Passou roçando em meus cabelos, e no primeiro instante pensei que fosse uma bruxa ou qualquer um outro desses insetos que fazem vida urbana; mas, como olhasse, vi que era uma borboleta amarela.

Era na esquina de Graça Aranha com Araujo Porto Alegre; ela borboleteava junto ao mármore negro do Grande Ponto; depois desceu; passando em face das vitrinas de conservas e uisques; eu vinha na mesma direção; logo estávamos defronte da A. B. I. Entrou um instante no hall, entre duas colunas; seria uma jornalista? — pensei com certo tédio.

Mas logo saiu. E subiu mais alto, acima das colunas, até o travertino encardido. Na rua México eu tive de esperar que o sinal abrisse; ela tocou fagueira para o outro lado, indiferente aos carros que passavam roncando sob suas leves asas. Fiquei a olhá-la. Tão amarela e tão contente da vida, de onde vinha, aonde iria? Fôra trazida pelo vento das ilhas — ou descera no seu vôo sassaricante e leve da floresta da Tijuca ou de algum morro — talvez o de São Bento? Onde estaria uma hora antes, qual sua idade? Nada sei de borboletas. Nascerá, acaso, no jardim do Ministério da Educação? Não; o Burle Marx faz bons jardins, mas creio que ainda não os fez com borboletas — o que, aliás, é uma boa idéia. Quando eu o mandar fazer os jardins de meu palácio direi: Burle, aqui, sobre esses

manacás, quero uma borboleta amarela... Mas o sinal abriu e atravessei a rua correndo, pois já perdendo de vista a minha borboleta.

A minha borboleta. Isso, que agora eu disse sem querer, era o que eu sentia naquele instante: a borboleta era minha — como se fosse meu cão ou minha amada de vestido amarelo que tivesse atravessando a rua na minha frente, e eu devesse segui-la. Reparei que nenhum transeunte olhava a borboleta; eles passavam, devagar ou depressa, vendo vagamente outras coisas — as casas, os veículos — ou se vendo, só eu vira a borboleta, e a seguia, com meu passo fiel. Naquele ângulo há um jardimzinho, atrás da Biblioteca Nacional. Ela passou entre os ramos de uma acácia e de uma árvore sem folhas, talvez um flomboyant; havia, naquela hora, um casal de namorados pobres em um banco, e dois ou três sujeitos espalhados pelos outros bancos, dos quais uns são de pedra, outros de madeira, sendo que estes são pintados de azul e branco. Notei isso pela primeira vez, aliás, naquele instante, eu que sempre passo por ali; é que a minha borboleta amarela me tornava sensível às cores.

Ela borboleteou um instante sobre o casal de namorados; depois passou quase junto da cabeça de um mulato magro, sem gravata, que descansava num banco; e seguiu em direção à Avenida. Amanhã eu conto mais.

RUBEM BRAGA

St. 52

BA

143